



A sociedade adoece o homem: reflexões a partir de Erich Fromm

Soleni Biscouto Fressato¹

Resumo

O presente artigo busca refletir sobre a dupla face da saúde e da doença na sociedade capitalista, a partir das reflexões do psicanalista e sociólogo Erich Fromm (1900-1980), que, por sua vez, baseou-se na análise de Karl Marx (1818-1883) sobre o trabalho significativo e o trabalho alienado.

Palavras-chave: Erich Fromm, saúde e doença, trabalho alienado, trabalho significativo.

Résumé

Cet article vise à réfléchir sur la double face de la santé et de la maladie dans la société capitaliste, à partir des réflexions du psychanalyste et sociologue Erich Fromm (1900 à 1980), qui, à son tour, a été basée sur l'analyse de Karl Marx (1818-1883) sur le travail significatif et le travail aliéné.

Mots-clés: Erich Fromm, santé et maladie, travail aliéné, travail significatif.

Erich Fromm, desde a infância, viveu experiências que o inquietaram sobre o comportamento humano. Ele não conseguia entender porque uma jovem preferiu suicidar-se, do que viver sem a presença do pai, após a sua morte. Não conseguia entender porque milhões de soldados pegavam em armas, morriam e matavam, em nome da paz, referindo-se à Primeira Guerra Mundial. A partir dessas experiências, ele chegou na juventude tendo objetivos claramente delineados: “queria compreender as leis que governavam a vida do homem individual e as leis da sociedade – ou seja, do homem em sua existência social” (FROMM, 1986a, p. 14). Para atingir seus objetivos, Fromm debruçou-se sobre as teorias de Sigmund Freud, tornando-se um renomado psicanalista. Porém, as reflexões generalistas de Freud, em considerar o indivíduo descontextualizado de sua realidade social específica, eram insuficientes para o curioso e inquieto Fromm. Ele buscava uma teoria mais completa, que refletisse sobre o homem e o meio social, para assim, obter um quadro mais completo de sua existência e melhor compreender as doenças que pudesse ter ou desenvolver. Ou seja, Fromm estava fortemente preocupado com o estado de saúde mental do homem, e como suas experiências individuais e,

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Bahia, pesquisadora do grupo de pesquisa *Oficina Cinema-História* e Editora de Cultura e Cinema da Revista *O Olho da História* (FFCH-UFBA).



sobretudo, sociais poderiam adoecê-lo. Foi com essa perspectiva em mente que Fromm se aproximou dos escritos de Karl Marx, notadamente de uma obra de sua juventude, os *Manuscritos econômicos e filosóficos*¹.

Karl Marx estava longe de ser um filósofo preocupado apenas com as questões materiais, uma imagem equivocada que acabou por se popularizar. Na verdade, a grande preocupação de Marx era com a emancipação espiritual do homem, com a sua liberação da pressão das necessidades econômicas, com a sua reintegração como ser humano, seu encontro com outros homens e com a natureza, ou seja, na superação da alienação.

Para Fromm (1986a, p. 29), a união entre Freud e Marx é perfeita, pois “embora diferentes, eles têm em comum um desejo incondicional de libertar o homem, uma fé igualmente incondicional na verdade como instrumento dessa libertação e a convicção de que a condição disso está na capacidade do homem de romper as cadeias da ilusão”.

Porém, ser saudável, principalmente psiquicamente, não é das tarefas mais simples, sobretudo, porque não é responsabilidade única e exclusivamente do próprio homem. Para Fromm (1970) a saúde psíquica do homem depende não apenas da satisfação de suas necessidades fisiológicas – fome, sede, sono e sexo – mas, também e fundamentalmente, da satisfação de suas necessidades “humanas” – de relação, de transcendência, de arraigamento, de sentimento de identidade. Mesmo tendo todas as suas necessidades fisiológicas e biológicas satisfeitas, uma pessoa pode se sentir profundamente triste porque lhe falta um impulso estimulante que a torne ativa e a faça se sentir viva. As pessoas têm necessidade de serem ativas de forma criativa, querem desenvolver os seus poderes latentes. Satisfazer essas necessidades humanas é muito mais complicado, pois não depende apenas do homem, mas de fatores sociais e econômicos, do modo como toda a sociedade está estruturada. Não sendo dessa forma, o indivíduo torna-se uma coisa, sua vida perde o sentido e converte-se apenas em sofrimento. Mas, num mundo de crescente desesperança e pessimismo, as pessoas não conseguem mais identificar o sofrimento, não conseguem perceber o quanto sofrem. O sofrimento tornou-se crônico. Se os homens não forem capazes de emergir dessa situação de desespero, alerta Fromm (1970), estarão fadados à extinção física e espiritual. Felicidade, harmonia, amor e liberdade são inerentes à natureza humana, se frustrados tendem a produzir reações psíquicas, ou seja, abalam a saúde mental dos indivíduos.

¹ A obra *Manuscritos econômicos e filosóficos* foi escrita em 1842, quando Marx tinha apenas 24 anos. Porém, foi publicada pela primeira vez apenas em 1932. A versão utilizada neste texto é a publicada pela Boitempo Editorial, em 2001.



Dessa forma, a saúde psíquica do homem não depende exatamente de sua adaptação à sociedade, mas a adaptação da sociedade às necessidades do homem. Para Fromm (1983), a saúde mental do homem não é um assunto individual, mas depende de toda a estrutura da sociedade. A sociedade saudável desenvolve a capacidade do homem amar o próximo e trabalhar de forma criativa, desenvolve sua razão e objetividade, proporcionando ao indivíduo um sentimento de si, baseado em suas próprias capacidades produtivas. Já a sociedade insana cria hostilidade e desconfiança, transforma o homem num instrumento de uso e exploração dos outros, privando-o do sentimento de si mesmo. Na verdade, todas as sociedades são saudáveis e insanas ao mesmo tempo, mas Fromm está mais preocupado com a função patogênica da sociedade capitalista contemporânea, como a sociedade está doente, adoecendo o homem.

Para melhor compreender essa patologia, ele recorre à Freud e Marx. Segundo Fromm (1986a), a patologia psíquica de Freud é bem conhecida. Para ser saudável o homem precisa ser capaz de resolver seu complexo de Édipo, ou seja, precisa superar seus problemas infantis e desenvolver uma orientação genital amadurecida. De acordo com a proposta freudiana, o neurótico representa um meio-termo entre as necessidades infantis e as adultas, enquanto a psicose é uma forma de patologia onde os desejos e fantasias infantis afogaram o eu adulto, não havendo equilíbrio entre os dois mundos. Já Marx, explica Fromm (1986a), não desenvolveu uma teoria sobre a psicopatologia de forma sistemática, mas menciona um “aleijão psíquico”, a alienação.

O termo alienação não é novo, nem para filósofos, nem para médicos, que o utilizavam para caracterizar pessoas desequilibradas, muitas vezes, psicóticos. Já nos *Manuscritos econômicos filosóficos* (2001) Marx deteve-se no fenômeno religioso da alienação, mas também, refletiu sobre a alienação no trabalho. N’*O Capital* (2013), Marx amplia seu conceito de trabalho alienado para de alienação do homem em relação a si mesmo, aos outros e à natureza. Para esse homem “seus próprios atos se convertem em uma força estranha, situada acima dele e contra ele, em vez de ser governada por ele” (MARX, 2013, p. 125) No fenômeno da alienação a pessoa se sente como um estranho. Não se sente como centro de seu mundo, nem como autora de seus atos. Ao contrário, sente-se como seus atos, não somente fossem independentes, mas como se estivessem acima dela, aos quais tem que obedecer e, não raras vezes, adorar, como se fossem deuses. Para Fromm (1983), a maneira como Marx conceitua o termo alienação, não está longe de como os profetas conceituaram o termo idolatria no Antigo Testamento:



o homem gasta suas energias e seus talentos artísticos em fazer um ídolo, e depois adora esse ídolo, que não é outra coisa senão o resultado de seu próprio esforço humano. Suas forças vitais converteram-se em uma coisa, essa coisa, havendo-se convertido em um ídolo, já não é sentido pelo homem como o resultado de seu próprio esforço produtivo, mas como algo afastado dele, acima dele e contra ele, a que adora e a que se submete. (FROMM, 1983, p. 125)

O homem não projeta apenas nos ídolos toda a potencialidade que é, na verdade, sua. Mesmo nas religiões monoteístas, continua Fromm (1983), os homens projetam em deus suas capacidades para amar e para fazer uso da razão, já não mais as sentindo como suas capacidades próprias. Depois pede a deus, algo que ele, o homem, projetou em deus. Todo o ato de adoração e submissão, explica Fromm (1983), é um ato de alienação e idolatria. Isso pode ocorrer com a pessoa amada, com o superior hierárquico no trabalho ou com o Estado. Eles podem tornar-se ídolos porque as pessoas projetam neles todos os seus poderes, esperando recuperar parte desses poderes, que são “seus”, mediante a submissão e a adoração.

Mas, o processo de idolatria e alienação não se dá apenas com elementos exteriores (ídolos, deus, chefes e o Estado), pode se dar também com o próprio eu, quando a pessoa está sujeita a paixões irracionais. As ações da pessoa não são suas, apesar de julgar estar fazendo apenas as coisas que quer, está sendo movida por forças exteriores, nas quais ela não se reconhece. O homem não se sente a si mesmo como portador ativo de seus poderes e riquezas, mas como uma “coisa” empobrecida que depende de poderes exteriores, nos quais projetou toda a sua vitalidade.

É numa de suas atividades mais importante e cotidiana que o homem mais se aliena: o trabalho. Por isso, Fromm (1983) estudou vários aspectos do trabalho na sociedade capitalista para compreender como ele é capaz de adoecer o homem. Para tanto, Fromm faz uma distinção entre trabalho significativo e o trabalho alienado. No trabalho significativo, como o próprio nome explica, o homem sabe porque está trabalhando, sabe o seu sentido e a sua importância. Ele executa suas atividades de forma concentrada e participativa, desenvolvendo suas habilidades criativas. Ao trabalhar dessa forma, o homem sente-se revigorado e livre. O trabalho significativo contribui para o crescimento intelectual e emocional do indivíduo.

Já no trabalho alienado, explica Fromm (1983), as atividades são executadas de forma repetitiva e irreflexiva, levando os trabalhadores a terem menos direitos para pensar e mover-se livremente. Toda a capacidade criadora,



independência e curiosidade, típicos do trabalho significativo, são negadas no trabalho produtivo. As pessoas não têm participação alguma e executam atividades pelas quais não têm nenhum interesse. O resultado são homens apáticos, com tendência destrutiva e regressão psíquica.

Infelizmente, constata Fromm (1983), na sociedade capitalista os homens são, não apenas incentivados, mas quase obrigados a optarem pelo trabalho alienado, abandonando suas aptidões naturais para a realização de um trabalho significativo. Isso ocorre porque o que mais interessa na escolha do trabalho é a recompensa monetária, garantindo não apenas a segurança e o conforto, mas sobretudo, a possibilidade de consumo. O consumo pode sugerir abundância para tornar a vida prazerosa, mas pode significar também um excesso incontrollável, esmagador e até fatal. Há uma espécie de consumo que é compulsivo e ganancioso, que não basta nunca. Muitas pessoas comem e compram, não porque estão com fome ou necessitam de algo, mas para debelar seus sentimentos de ansiedade ou depressão. Essa é uma das características da sociedade capitalista que é capaz de, não somente, produzir bens, mas, sobretudo, de produzir necessidades. Os nossos desejos não são despertados por nós mesmos, mas cultivados de fora. Diariamente somos sufocados pela enorme quantidade de produtos propagandeados pelos mais variados meios de comunicação. A propaganda dissemina a ideia de que a felicidade só pode ser alcançada por meio de objetos caros que só podem ser comprados. As coisas que não custam caro, não podem significar muito. Para cada produto criado, uma necessidade também foi criada. É a máxima da produção, para o máximo consumo. O capitalismo conseguiu realizar o milagre da produção e o milagre do consumo. Ao dominar o vapor, o petróleo e a eletricidade, o homem do século XX encurtou as distâncias, venceu as leis da gravidade e converteu desertos em terras férteis. Nesse mundo produtivo, tudo pode ser comprado, tudo pode ser consumido.

Na base do sistema capitalista, os homens livres vendem sua força de trabalho aos donos do capital, mediante a assinatura de um contrato, é o emprego do homem pelo próprio homem. O homem torna-se um meio para os interesses econômicos de outro homem ou de si mesmo ou, ainda, da máquina econômica. Ele, um ser humano vivente, passa a ser uma peça da engrenagem. Existe uma desproporção entre o esforço e o trabalho de um indivíduo. Na hierarquia capitalista de valores, o capital é mais importante que o trabalho e as coisas são mais importantes do que as manifestações da vida. A pessoa que possui o capital é mais importante e manda naquela que possui "apenas" a sua vida, sua vitalidade e sua criatividade. A finalidade de toda atividade econômica, inclusive o trabalho, é o lucro. As pessoas não trabalham pela satisfação pessoal e de utilidade social, mas



única e exclusivamente pelo lucro resultante do investimento. Esse processo pode facilmente converter-se na manipulação abstrata do dinheiro para obter mais dinheiro.

Na moderna sociedade capitalista o trabalho, ao invés de ser uma atividade satisfatória e agradável, tornou-se um dever e uma obsessão. O trabalho é o meio de conseguir dinheiro, riqueza e êxito e não uma atividade humana significativa em si. Para aqueles que só têm sua energia física para vender, o trabalho tornou-se forçado. Assim, para a classe média o trabalho é um dever e para os que não têm propriedade alguma, o trabalho é forçado. Não à toa o termo “empregado” designa aqueles que possuem trabalho. Porém, tanto na língua inglesa, como na alemã, na francesa e na portuguesa, o termo empregado refere-se a objetos e não a seres humanos. Isso revela que o homem “empregado” não é um agente ativo no processo de produção, apenas tem a responsabilidade de bem executar uma parcela do trabalho isolado que realiza, preocupando-se apenas com o dinheiro que receberá para manter a si mesmo e a sua família. Como o homem da moderna sociedade capitalista não sabe dar sentido ao seu tempo livre, se vê compelido a trabalhar para evitar o tédio.

Aliás o tédio é identificado por Fromm (1983) como uma das piores formas de tortura e, infelizmente, um dos fenômenos mais recorrentes na atualidade. Uma pessoa entediada, é uma pessoa indefesa e gravemente deprimida. A sociedade moderna criou várias formas escapistas para diminuir o tédio, ou melhor, para que as pessoas não se reconheçam como entediadas. As compras excessivas, as bebidas e comidas em demasia, o abuso de tranquilizantes, ou ainda, assistir a um dos vários programas que a TV oferece, cria a falsa sensação de que não existe o tédio. Dessa forma, o tédio não é identificado, nem reconhecido. As pessoas estão entediadas, mas não se percebem como tal e não se percebendo não podem eliminar efetivamente o tédio de suas vidas.

Para Fromm (1983), além de garantir o consumo, o trabalho alienado estimula a competição, uma das bases do funcionamento econômico do capitalismo. Competição dos indivíduos que querem vender suas mercadorias e sobretudo, competição entre os indivíduos que querem vender sua força de trabalho e seus serviços, no “mercado de personalidade”. Nesse processo, as regras sociais e morais da solidariedade humana não têm espaço. A importância da vida está em ser o primeiro, numa eterna corrida competitiva. A competitividade entre iguais é tão impiedosa quanto a exploração dos trabalhadores.

Alienados no trabalho, os homens tornam-se alienados em todas as suas atividades. O homem se sente uma coisa a ser empregada com êxito no mercado.



Alienado de suas potencialidades, não se sente como um agente ativo em suas relações. A sua identidade tem por base seu papel socioeconômico e não sua atividade como um indivíduo vivente e pensante. Os homens se vêem como extensão daquilo que produzem ou de suas atividades profissionais (quem é você? Sou médico, professor, corretor, empregado doméstico, etc.) Os homens não se reconhecem como seres capazes de amar, de sentir medo ou angústia, percebem-se como uma abstração, alienados de seu verdadeiro eu, que apenas desempenham certa função no sistema social. Seu corpo, sua mente e sua alma são seu capital, e sua tarefa é tirar lucro de si mesmo no mercado de personalidades. Essa ausência do eu no homem moderno, essa falta de identidade é, para Fromm (1983), um fenômeno patológico, pois com o desaparecimento do eu, o homem pode enlouquecer ou, na tentativa de se salvar, criar um sentimento secundário de si mesmo.

Porém, dificilmente toda essa situação é percebida. Há uma grande diferença entre o que as pessoas pensam e sabem conscientemente de seu trabalho e de toda sua existência e o que elas sentem inconscientemente. Explica Fromm (1983, p. 284):

A experiência evidencia o fato de a sensação de infelicidade e insatisfação poder ser profundamente reprimida; uma pessoa poderá estar conscientemente satisfeita e apenas os seus sonhos, doenças psicossomáticas, insônia e quaisquer outros sintomas expressarem a infelicidade escondida. A tendência para reprimir a insatisfação e a infelicidade é grandemente reforçada pela sensação generalizada de que o não estar satisfeito significa ser um “fracassado”, um excêntrico, um derrotado, etc.

Ou seja, o medo de ser apontado como fracassado ou derrotado, numa sociedade que “premia” com consumo e status os ajustados e que se entregam ao trabalho alienado sem restrições, faz com que os indivíduos reprimam ou, até mesmo, recalquem suas insatisfações, acreditando que o problema pela falta de ajuste é dele e não da sociedade.

O resultado de todo esse processo, tanto para os “ajustados” como para os “desajustados”, é a doença. Apatia, contrariedade, carência de alegria e felicidade, sensação de futilidade, impressão de que a vida seja inútil são alguns dos sintomas que, vez ou outra, alguns admitem sentir e que já revelam um estado de falta de saúde. Essa situação se agrava quando surgem a pressão alta, úlceras, insônia, tensão nervosa e fadiga, sintomas diretamente determinados por motivos psicológicos, que revelam uma profunda insatisfação e ressentimento frente à vida.

Como fazer face a essa realidade desalentadora? Como evitar a doença, quando ela parece inevitável? Erich Fromm (1983) nos aponta alguns caminhos.



Para ele apenas quando as pessoas tiverem a liberdade e a possibilidade de optarem por um trabalho significativo, participativo e prazeroso, que não vise o consumo, o status e o poder, o processo de alienação será rompido, criando uma sociedade e, por consequência, pessoas mais saudáveis.

Parece utópico, mas não é. Algumas experiências atuais revelam essa possibilidade. São vários os projetos de economia solidária que se desenvolvem no mundo todo. Em 2003, diante da notícia de falência da Fábrica Brukman, os operários, para evitar o desemprego, resolveram fundar uma cooperativa para recuperar e administrar a fábrica. Após vários conflitos com a polícia, os operários conseguiram permanecer na fábrica e hoje já somam mais de 60, trabalhando de forma cooperativa e integrada. Em 2011, numa tentativa de driblar a crise que só faz crescer desde então, quatro jovens de Atenas fundaram uma comunidade sustentável na ilha de Evia, a *Free and Real*, sigla para *Freedom of Resources for Everyone, Respect, Equality, Awareness and Learning* (Liberdade de Recursos para Todos, Respeito, Igualdade e Aprendizado). Atualmente 10 moradores residem na comunidade em tempo integral e mais de cem pessoas a frequentam alguns meses do ano. Na comunidade, que não tem energia elétrica, todo o alimento é produzido pelos próprios moradores. O excedente de produção é trocado por aquilo que não conseguem produzir. É o retorno da prática do escambo. Para o webdesigner, Apostolos Sianos, um dos fundadores da comunidade, “a crise financeira grega está dando uma enorme oportunidade às pessoas para verem que o sistema em que vivem não está funcionando, então podem começar a procurar alternativas” (COSTA, 2014). São pequenas iniciativas que atingem, ainda, um pequeno número de pessoas, mas revelam a existência de um descontentamento total e completo com o sistema capitalista, pautado pelo lucro e pelo consumo, que torna as pessoas cada vez mais egoístas e narcisistas, pensando somente em si e em suas necessidades e seus interesses. Revelam que, as pessoas, mesmo que imersas na moral e nas práticas capitalistas, têm necessidade de convívios mais humanos, pautados pelo bem da coletividade.

Como bem afirma Fromm (1983), se o homem foi capaz de desenvolver a coleta e a caça, a agricultura e a criação de animais, de construir grandes igrejas, palácios e projetos arquitetônicos, de lançar os alicerces das Ciências Naturais, de criar meios de transporte e de comunicação, enfim, se ele foi capaz de criar tantos bens culturais, por que não seria capaz de criar uma sociedade mais saudável? Está lançado o esperançoso desafio.



Referências

FROMM, Erich. **Conceito marxista de homem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1970.

_____. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

_____. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

_____. **Do amor à vida. Palestras radiofônicas organizadas por Hans Jurgen Schultz**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1986.

_____. **Meu encontro com Marx e Freud**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986a.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos e filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. (1867). **O capital**. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.